

“ELES SÃO FILHOS DA MÃE, NÓS SOMOS DO PAI”: APONTAMENTOS SOBRE O JOGO IDENTITÁRIO ENTRE ASSEMBLEIANOS DE DUAS CONVENÇÕES NO ESTADO DO PARÁ

*“They are Mother's children, we are Father's” : notes about the identity game between
assemblians of two conventions in the Pará state's*

Alef Monteiro¹

RESUMO

No decorrer do tempo, as muitas cisões (“rachas”) entre grupos de assembleianos brasileiros resultaram em variadas convenções. Atualmente, no estado do Pará, Amazônia brasileira, as duas maiores são a COMIEADEPA e a CIMADB, esta última encabeçada pela Igreja de Belém do Pará. Entre os membros das igrejas que integram essas convenções existe um jogo de identidades contrastivas que expressa uma rivalidade política. Sobre essa complexa situação, este artigo tem por objetivo fazer uma descrição do processo de construção das diferenças identitárias entre assembleianos dessas duas convenções. Para isso, além de recorrer à pesquisa bibliográfica sobre a cisão desses grupos convencionais, foram realizadas pesquisas de campos compostas por observação participante e realização de entrevistas junto a igrejas pertencentes a essas convenções em duas cidades diferentes, a saber, Belém do Pará – sede da CIMADB, e Castanhal – sede de uma das principais igrejas da COMIEADEPA. Conclui-se que, na situação em questão, os significados que substanciam as identidades foram construídos nas relações e servem como uma das justificativas sem as quais o poder não se sustentaria. Porém, na prática, entre os membros desses grupos, a diferença de identidades tem mais a ver com a necessidade de diferenciação política em si do que com diferentes modos de vida assembleiana.

Palavras-chave: Assembleia de Deus. Identidade. Diferença. Convenções de Igrejas. Amazônia paraense.

ABSTRACT

Over time, the many divisions (“splits”) between groups of Brazilian assemblians resulted in various conventions. Currently, in the state of Pará, in the Brazilian Amazon, the two largest are COMIEADEPA and CIMADB, the latter headed by the Church of Belém do Pará. Among the members of the churches that integrate these conventions, there is a game of contrasting identities that expresses a political rivalry. About this complex situation, this article aims to describe the process of construction of identity differences between assemblians of these two conventions. For this, in addition to resorting to bibliographic research on the split of these conventional groups, field researches were

¹ Sociólogo e antropólogo, é doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: alefmonteiro1@gmail.com

carried out consisting of participant observation and interviews with churches belonging to these conventions in two different cities, namely, Belém do Pará - headquarters of the CIMADB, and Castanhal – seat of one of the main churches of COMIEADEPA. It is concluded that, in the situation in question, the meanings that substantiate identities were built in relationships and serve as one of the justifications without which power would not be sustained. But in practice, among the members of these groups, the difference in identities has more to do with the need for political differentiation itself than with different ways of assemblian life.

Keywords: Assembly of God. Identity. Difference. Church Conventions. Paraense amazon.

Introdução

No contexto brasileiro, as Assembleias de Deus (ADs) estão legalmente institucionalizadas em igrejas relativamente autônomas, ainda que ligadas por convenções estaduais, regionais e nacionais (DANIEL, 2004; FAJARDO, 2014). Porém, aos olhos de seus membros, é comum o entendimento de uma unidade hierárquica em linha ascendente entre as igrejas e as convenções. A lógica é que do mesmo modo como as congregações estão sob a autoridade do templo central, os templos centrais estão sob a autoridade da convenção estadual / regional, e esta, por sua vez, está sob a autoridade da convenção nacional.

Essa concepção de unidade hierárquica tem implicações diretas nos frequentes processos de ruptura e formação de novas igrejas e convenções autônomas no meio assembleiano brasileiro², pois, a cisão precisa ser significada e, assim, explicada, tanto para aqueles que permanecem na instituição original, quanto para os dissidentes. Além disso, fora da instituição original, os dissidentes ganham novas identidades aos olhos dos que permaneceram, e, por sua vez, os permanentes também têm suas identidades ressignificadas na mentalidade dos que saíram.

No estado do Pará, desde que as ADs começaram a passar por processos de divisão que originaram várias igrejas e convenções autônomas para além da convenção estadual mais antiga, a Convenção Interestadual de Ministros e Igrejas Assembleias de Deus no Pará (COMIEADEPA), esse jogo de identificação começou a acontecer, e um dos exemplos mais recentes e de grande importância, devido sua amplitude e notoriedade das

² Sobre os frequentes processos de fragmentação das ADs, leia-se Fajardo (2014).

igrejas e sujeitos envolvidos, foi a cisão entre a AD da capital paraense (conhecida como “Igreja-Mãe” por ter sido a primeira AD fundada no Brasil) e a convenção estadual.

Nos anos que se seguiram desde o início da crise até a separação definitiva entre a AD belenense e a COMIEADEPA, de ambos os lados versões sobre a tensão foram criadas, significados foram forjados e os membros das igrejas de ambas as convenções passaram a se enxergar mutuamente de modo diferente, algo crucial no meio assembleiano, pois entre os adeptos das ADs a identificação do pertencimento a determinado segmento denominacional tem uma importância prática, pois a identidade é parte da gramática da relação ou da “não-relação” possível, haja vista que as identidades implicariam na eventual observação de certos padrões litúrgicos, usos e costumes³ e interpretação de passagens bíblicas que servem de matéria prima para o estabelecimento de vínculos ou conflitos interpessoais entre crentes assembleianos.

Enxergando-se como membros e seguidores da “Igreja-Mãe”, os assembleianos da convenção fundada por essa igreja, a Convenção da Igreja-Mãe das Assembleias de Deus em Belém (CIMADB)⁴, dizem que a COMIEADEPA virou as costas para as suas origens por se importar mais com “ensino de homens” do que com a “sã doutrina”. Por outro lado, os membros das igrejas que integram a COMIEADEPA lançam mão de seu imaginário religioso e acreditam que assim como Israel se corrompeu e, por isso, teria sido substituída nos planos de Deus pela Igreja, a Igreja de Belém, na condição de pioneira, foi contaminada pelo mundanismo e se desviou do plano divino manifestado para o pentecostalismo e, por esse motivo, a COMIEADEPA agora é, segundo eles, a responsável por dar cabo ao plano de Deus para as igrejas ADs no Pará. Notoriamente existe um impasse que marca a diferença identitária entre os assembleianos da “Igreja-Mãe” (CIMADB) e os assembleianos da COMIEADEPA.

Esse impasse me deixou curioso a ponto de levantar questões tais como: qual a origem dessa diferença identitária? Em que ela consiste na prática? Quais são os discursos

³ Usos e costumes é o conjunto de configuração corporal que abrange o uso de cabelos compridos, uso exclusivo de saias e vestidos para mulheres; não uso de cabelos cumpridos e uso de roupas sociais e gravatas (quando na condição de obreiro) para os homens; e não uso de maquiagem ou joias que exijam a perfuração do corpo, não consumo de álcool e músicas seculares para ambos os sexos. Esses usos e costumes têm sua origem nos movimentos de santidade em voga nos Estados Unidos no início do séc. XX (Ver MECGEE, 1996).

⁴ Atualmente essa convenção mudou seu nome para Convenção Centenária da Igreja-Mãe das Assembleias de Deus no Brasil, mesmo mantendo a sigla já em uso.

e estratégias discursivas que mantém a diferença que remonta à cisão? Movido por essas perguntas fiz uma investigação da bibliografia sobre a cisão entre “Igreja-Mãe” e COMIEADEPA e realizei três meses de campo, no final de 2021, em uma congregação da AD belenense localizada no Bairro do Marco e uma congregação da AD castanhalense (que é uma das principais igrejas da COMIEADEPA) localizada no Bairro Nova Olinda, em Castanhal. Durante esse período observei e participei de cultos, encontros, e pude conversar informalmente com alguns membros, além de entrevistar três pessoas sem cargos em ambas as congregações. Em vista disso, o material que utilizo são meus registros de diário de campo e a oralidade (memória e percepções) de meus interlocutores. Neste artigo sintetizo parte dos resultados da pesquisa, e nele tenho por objetivo fazer uma descrição do processo de construção das diferenças identitárias entre assembleianos dessas duas convenções.

Início minha explanação por uma breve descrição da cisão (o “racha”, como dizem os assembleianos) entorno da qual foram construídas as diferenças entre os sujeitos em questão. Em seguida me ocupo com os discursos e estratégias discursivas desses grupos em prol da diferença. Logo depois comparo os modos de vida assembleiana dos adeptos de ambas as convenções especialmente no que diz respeito às crenças e organização societária. Por fim, encerro com algumas considerações finais.

O “racha”, ou: uma rapsódia sobre a cisão

Entre os assembleianos com quem conversei se reconhece que a os conflitos que levaram ao “racha” entre a Igreja de Belém e a COMIEADEPA iniciaram com a transferência do Pr. Samuel Câmara⁵ de Manaus a Belém para substituir o Pr. Firmino Gouveia que, entre os anos de 1978 e 1997, presidiu a Igreja da capital paraense acumulando também por vários momentos, ao mesmo tempo, a presidência da COMIEADEPA. A pesquisa de Saulo Baptista (2012) corrobora essa percepção, e, de acordo com esse autor, ao trazer “de fora” o seu sucessor, o Pr. Firmino Gouveia rompeu com a tradição de sucessão da igreja belenense em que os co-pastores substituíam os

⁵ Atual presidente da AD de Belém do Pará e da Convenção da Assembleia de Deus no Brasil (CADB), convenção nacional encabeçada pela Igreja de Belém à qual a CIMADB está filiada

pastores presidentes que se jubilavam⁶. Esse fato gerador de mal-estar foi agravado pela falta de relacionamento e consequentes vínculos de fidelidade entre o pastor “de fora”, Samuel Câmara, e os pastores do interior do Pará (BAPTISTA, 2012). O resultado foi que ao se retirar do cenário político pastoral do estado – jubilar-se – o Pr. Firmino Gouveia deu origem a duas grandes alas na COMIEADEPA: a ala da Igreja-Mãe, liderada pelo Pr. da Igreja de Belém, Samuel Câmara, e a ala das igrejas do interior, liderada pelo Pr. Gilberto Marques de Souza, natural de São Paulo e também trazido ao Pará pelo Pr. Firmino Gouveia (BORGES, 1997).

Por anos, essas duas alas se debateram no interior da convenção estadual, ocorrendo “disputas acirradas nas eleições para a presidência da Convenção Estadual” (BAPTISTA, 2012, p. 14), nas quais em todas o Pr. Samuel Câmara foi vencido pelo Pr. Gilberto Marques de Souza que até o presente segue como presidente da COMIEADEPA. Possivelmente ciente do trabalho demorado e oneroso (quicá não alcançável) para conquistar o apreço e a afeição da maioria de seus consortes do interior do estado, o Pastor Samuel Câmara, junto com os pastores que o seguiam, fundaram a Convenção da Igreja-Mãe das Assembleias de Deus em Belém (CIMADB), em 2006.

Contudo, essa nova convenção estadual não foi bem recebida pela convenção nacional, a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), cujo presidente, Pr. José Wellington Bezerra da Costa, tinha o Pr. Gilberto Marques de Souza como um dos seus principais aliados nacionais. Além disso, o Pr. Samuel Câmara havia criado na convenção nacional um grupo rival ao de José Wellington Costa, contra quem não só desferia duras críticas em público, mas também disputava pleitos presidenciais em âmbito nacional. Essa situação de rivalidade levou a mesa diretora da CGADB e o grupo de José Wellington Costa a indeferir a filiação da CIMADB ao órgão nacional.

O desfecho só ocorreu após litígio na justiça (processo n.º 0008321-60.2010.8.14.0301 de 02 de março de 2010 - 9ª Vara Cível e Empresarial de Belém) em que se pedia o “cadastramento e registro da requerente CIMADB e seus membros” junto à CGADB. Em 16 de junho de 2011, José Wellington Costa e Samuel Câmara firmaram acordo extrajudicial no qual foi acatada a solicitação da CIMADB e todos os seus

⁶ Quando aplicado aos pastores, no meio assembleiano, o termo “jubilar” significa literalmente “aposentadoria”.

membros foram filiados à mais antiga convenção nacional assembleiana. Para firmar esse “acordo de cavalheiros”, “Nesta data, quinta-feira, na noite de abertura [do festejo do centenário da AD belenense], o Pr. José Wellington Bezerra da Costa, presidente da CGADB, deu uma ‘palavra de saudação’ na festa da Igreja-Mãe, liderada pelo Pr. Samuel Câmara, presidente da CIMADB [na época]” (CORREA, 2014, p. 253) como se nada tivesse acontecido.

A partir daí, oficialmente, as ADs no Pará passaram a ter duas convenções estaduais integrando a CGADB, algo que não durou muito tempo, haja vista que no dia 06 de novembro de 2017, após perder pleitos eleitorais seguidos para o Pr. José Wellington Costa, e ver acirrado o mal-estar entre seu grupo e o grupo desse pastor representado no Pará pela COMIEADEPA de Gilberto Marques de Souza, Samuel Câmara e partidários se retiraram da CGADB para fundar, em 02 de dezembro de 2017, a sua própria convenção nacional, a Convenção da Assembleia de Deus no Brasil (CADB), terceira maior convenção da denominação no país ficando atrás apenas de sua antiga matriz (CGADB) e da Convenção Nacional das Assembleias de Deus Ministério de Madureira (CONAMAD).

Como uns se tornaram “filhos da Mãe” e outros “[filhos] do Pai”, ou: os discursos e estratégias discursivas de ambos os grupos em prol da diferença

Os discursos

Como habilmente observa Mahmood Mamdani (2001), o primeiro passo para lutar contra alguém é torná-lo em outro e, depois, perceber esse outro como perigo. Ora, esses dois elementos, outridade, e outridade como perigo, foram instrumentalizados ainda no interior da COMIEADEPA por ambas as alas, a da Igreja-Mãe e a dos pastores das igrejas do interior. Com a saída da primeira para organizar uma nova convenção, esses dois elementos permaneceram e foram transplantados para fora da convenção paraense mais antiga, passando do formato ala da Igreja-Mãe versus ala dos pastores do interior para COMIEADEPA versus CIMADB.

Antes de qualquer discurso o que ocorreu foi o estabelecimento de uma relação conflituosa (disputa) entre um dos possíveis herdeiros do Pr. Firmino Gouveia (Pr. Gilberto Marques de Souza) e o “forasteiro” Pr. Samuel Câmara que desbancou os

“preferiti” à sucessão de Firmino Gouveia na presidência da Igreja de Belém e que poderia desbancar também os “preferiti” à sucessão de Firmino Gouveia na COMIEADEPA, haja vista que mesmo quando não ocupava a presidência dessa convenção, o pastor presidente da entidade sempre era um aliado de Firmino que dificilmente teria chegado ao posto presidencial sem o apoio e campanha do influente e respeitado pastor da igreja de Belém (BAPTISTA, 2012).

Entorno dessa relação política de conflito foram sendo criados os discursos que caracterizavam e buscavam legitimar e/ou deslegitimar os pastores e seus respectivos grupos. Em vista disso é importante ressaltar que inicialmente a diferença entre esses grupos era meramente política, não existiam significados culturais sobre os quais a diferença se erigia, todos possuíam a mesma identidade. Mas, na medida em que a relação se desenrolava, significados foram discursivamente construídos e mobilizados, e, na relação, a diferença simbólica passou a existir.

De acordo com os relatos dos participantes da pesquisa, no Pará, os adversários do Pr. Samuel Câmara o acusaram de mundano, de perverter a identidade assembleiana e abandonar, em nome de uma suposta “modernidade” os “bons costumes da igreja”⁷, isso é, os chamados usos e costumes. Através desse discurso, aqueles que eram apenas um clã de adversários políticos foram metamorfoseados em algo a mais, eles ganharam outridade e passaram a ser os outros que desprezam os “bons costumes” e não mais o nós.

E esses outros logo foram transformados em perigo, pois, assim propagavam os sectários de Gilberto Marques de Souza: caso Samuel Câmara chegasse à presidência da COMIEADEPA, ele iria impor a “modernização” às igrejas da convenção e, com isso, a igreja no Pará seria inteiramente desviada do propósito de Deus para as ADs, qual seja, cuidar dos dons espirituais (carismas) e da “sã doutrina”, da qual os usos e costumes seriam uma consequência incontornável. Seria um verdadeiro desvio da igreja! Essa ameaça retroalimentava, retroalimenta e expressa o estado de massa (CANETTI, 2019) dos assembleianos; nessa condição a diferença gera temor do contato, pois se a

⁷ Esse termo, “bons costumes” tem uma carga simbólica singular no meio assembleiano, ela remete à fala do Apóstolo Paulo aos coríntios: “Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes” (1 CO 15.33), de onde os assembleianos concluem que bons costumes devem ser preservados.

convivência com o diferente bastaria para gerar e difundir a corrupção e/ou impureza, a liderança por parte de um impuro muito mais (DOUGLAS, 1966).

E, expressando o fato de os pentecostais terem sua performance sempre baseada na Bíblia lida através de uma ótica mística e emocional que recria novas performances e “realidades” a despeito do contexto Bíblico propriamente dito (OLIVEIRA, 2017), o clã de Gilberto Marques de Souza, que mais tarde hegemonicamente se firmou como COMIEADEPA, deu explicações bíblicas aos perigosos outros. Os participantes da pesquisa relataram que aprenderam junto às suas lideranças que ao renunciar aos usos e costumes da igreja, Samuel Câmara e a CIMADB não respeitavam os ensinamentos de Paulo sobre o cabelo feminino e sobre a preservação de bons costumes, ainda que esses não sejam em si mesmos doutrinas e, agindo dessa maneira, incorreram na desobediência à Palavra de Deus. Textos recorrentemente citados foram: 1Co 11.14-15; 1Co 15.33; Dt 22.5.

Mais tarde, a COMIEADEPA também utilizou regionalmente contra a CIMADB uma ideia lançada por José Wellington Bezerra da Costa (concorrente de Samuel Câmara na CGADB) em contexto nacional. Essa ideia consiste na intersecção entre a observância da “sã doutrina” e a legitimidade histórica herdada dos suecos reconhecidos, para esse fim, como fiéis à doutrina bíblica.

Em entrevista concedida a Celso de Carvalho do site Creio, o pastor José Wellington Bezerra da Costa, quando perguntado sobre a disputa pela liderança da Assembleia de Deus com o pastor Samuel Câmara, afirmou: [...] “nós temos influência dos suecos, temos doutrina firme. O deles é baseado nos americanos, com atos midiáticos e comércio. Eles se amoldam a determinados costumes que não nos adaptamos” (GANDRA e WESTPHAL, 2013, p. 276).

Porém, a outridade, e outridade como perigo, também são marcas indeléveis do discurso construído na relação de embate político por parte do clã de Samuel Câmara que atualmente dá corpo à CIMADB. Os participantes da pesquisa frisaram que uma das críticas mais comuns dos pastores da Convenção da Igreja-Mãe à COMIEADEPA faz uso de uma comparação com a passagem de Atos 15, ocasião em que se debateu sobre a imposição de costumes judaicos aos gentios (cristãos não-judeus). Fui informado que os pastores da CIMADB ensinam que, assim como os judaístas (derrotados na disputa da igreja primitiva) queriam que os gentios seguissem “costumes instituídos por homens”

(os costumes da cultura judaica), a COMIEADEPA insiste em cobrar de seus membros a observância dos usos e costumes oriundos dos Movimentos de Santidade, e que não são doutrina bíblica⁸.

Além disso, ao cobrar os usos e costumes e ao interpretar “mal” as passagens bíblicas que falam sobre indumentária (a exemplo de Dt 22.5), corte de cabelo e atavio (1Co 11.14-15) por não aplicarem uma exegese e hermenêutica “competente”, afirmam os partidários da CIMADB, “a COMIEADEPA põem um peso que nem eles mesmo podem carregar, no final das contas, eles [COMIEADEPA] servem é de pedra de tropeço para as pessoas”, concluiu meu interlocutor fazendo alusão à fala de Jesus acerca dos escribas e fariseus em Mateus 23.4 - “Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem sobre os ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los” – e à expressão “pedra de tropeço” que no meio pentecostal designa algo ou alguém que conduz as pessoas ao pecado (“queda”, erro). Logo, a atitude da COMIEADEPA é compreendida como um perigo à expansão da igreja e, por conseguinte, do Reino de Deus na terra.

As versões discursivas tiveram sucesso e produziram identidades específicas a cada um dos lados. Inclusive originando trocadilhos e gracejos que revelam, por meio da “leveza”, as ideias e sentimentos que subjazem as regras de boa convivência. Em Castanhal (e também presenciei isso em Belém) é comum ver membros de igrejas da COMIEADEPA identificarem membros de igrejas da CIMADB dizendo “aquele ali é um filho da Mãe!”, um trocadilho ambíguo que remete à expressão idiomática pejorativa “filho da mãe” que consiste na desqualificação da mãe de alguém fazendo menção implícita à sua vida sexual. No trocadilho, a mãe é a Igreja-Mãe e a falta de recato sexual da expressão idiomática coincide com a suposta falta de recato na fé das igrejas da CIMADB e seus membros. Fazendo uso desse sentido ambíguo, e criando uma oposição entre Deus (Pai) e seus filhos versus e a Mãe (sem recato) e seus filhos, um dos participantes da pesquisa qualificou o seu grupo e o grupo de outros dizendo “eles são filhos da Mãe, nós somos do Pai”.

⁸ Para detalhes sobre a influência dos movimentos de santidade nas Assembleias de Deus, recomendo a leitura de MacGee (1996).

Entre os membros das igrejas da CIMADB, não verifiquei tom de gracejo, mas sim de superioridade intelectual e consternação pelos outros sem conhecimento e, por isso mesmo, em decorrente estado de menoridade espiritual. Foi recorrente a acusação de baixo preparo teológico dos pastores da COMIEADEPA quando comparados aos pastores da CIMADB. Uma fala que expressa essa concepção assinala que “nossos pastores estudam mais, a igreja daqui tem seminário e tudo. Por isso a igreja daqui se libertou desse pensamento de roupa e outras coisas. Só quem não interpreta direito a Bíblia ainda acredita nessas coisas [...] eles [os pioneiros] tinham pouco estudo, ai acreditaram nisso”. Por fim: “com certeza. Se eles tivessem o preparo e o ensino que nós temos, não viveriam presos a ensinos de homens”.

As estratégias de difusão dos discursos

Entre os pastores da COMIEADEPA, logo após a criação da CIMADB, em 2006, uma estratégia muito realizada para a difusão dos discursos sobre a convenção rival foram as reuniões de ministério⁹. Em Castanhal, por exemplo, o Pr. Francisco Alves Ribeiro, que na época era um dos vice-presidentes da convenção e supervisor das igrejas dos municípios da região Nordeste do Pará, reuniu os obreiros indo de bairro em bairro para falar sobre o processo de saída dos pastores aliados de Câmara e sobre a formação da CIMADB. O mesmo ocorreu em todas as cerca de 40 cidades de sua supervisão. Após a “conscientização” dos obreiros, a recomendação dada foi que os dirigentes de congregação repassassem o conteúdo da reunião aos membros, e em momentos seguidos, para que todos ficassem atentos à expansão da CIMADB e não abandonassem o “reduto fiel” das igrejas da COMIEADEPA. Em algumas congregações, os dirigentes também instruíram os professores de Escola Dominical para conversar com os seus alunos durante as aulas dominicais, e realizaram reuniões de instrução com líderes de departamentos da igreja, tal como círculo de oração e grupo de jovens, cuja capilaridade é maior do que a própria escola dominical.

⁹ No contexto paraense, ministério é como o corpo eclesiástico formado por auxiliares, diáconos, presbíteros, evangelistas e pastores é chamado. Esses cargos são respectivamente crescentes em nível hierárquico, salvo presbítero e evangelista que estão no mesmo patamar.

Do outro lado, na CIMADB, um movimento parecido aconteceu. Ocorreram as reuniões de ministério, com as lideranças e através delas a versão da CIMADB chegou aos fiéis. Contudo, essa versão também chegou aos membros das igrejas por outros caminhos: os meios de comunicação da igreja. Diferente dos oponentes da convenção de Belém, a CIMADB dispunha da TV e da rádio Boas Novas, através das quais o Pr. Samuel Câmara pôde ele mesmo entrar em contato com o seu rebanho e fornecer aos crentes a versão da Igreja-Mãe.

A crença e a organização societária daqueles que são “do Pai” e daqueles que são “da Mãe”

Até aqui ficou patente a diferença de identidades contrastivamente construídas entre os assembleianos das duas convenções abordadas, mas, diante disso, inspirado em Asad (2010) e por isso entendendo que discursos identitários não esgotam a vida religiosa, no decorrer da investigação a seguinte pergunta se tornou fundamental: e na prática, como se diferem os assembleianos da COMIEADEPA e CIMADB? A resposta obtida, consistente, mas não exaustiva, apresento a seguir a partir da abordagem das crenças e da organização societária desses dois grupos.

Crenças

Entre os crentes de igrejas da COMIEADEPA e CIMADB foquei em algumas crenças dentre aquelas consideradas distintivas do pentecostalismo (HORTON, 1996; GILBERTO et al., 2018), bem como os desdobramentos dessas crenças no contexto local, isto é, a Amazônia paraense. Quanto a isso, após conversar com os membros das igrejas de maneira formal e informal, bem como frequentar alguns cultos e reuniões, ficou-me evidente que as crenças são praticamente as mesmas. A cosmovisão pentecostal desses dois grupos concebe o mundo dentro de uma lógica dual, o mundo é o palco da luta de Deus, seus anjos e a Igreja versus o Diabo acompanhado por seus demônios e aqueles que o seguem por opção ou por simples rejeição a Deus¹⁰.

Reivindicando para si a linhagem da reforma, os pentecostais de ambas as convenções se consideram dentro do segmento protestante das religiões de matriz cristã,

¹⁰ De acordo com os assembleianos, para seguir ao Diabo não precisa ter uma postura ativa, basta apenas não seguir ao Senhor, haja vista que na existência não há neutralidade, ou se faz a opção por Deus, ou automaticamente já se está sob o domínio de Satanás, pois “há apenas dois senhores”.

ainda que sigam uma hermenêutica bíblica diferente daquela dos reformadores clássicos, a exemplo de Wycliffe, Lutero, Calvino ou Knox. A hermenêutica dessas igrejas paraenses é aquela bastante peculiar ao pentecostalismo, a chamada hermenêutica baseada na experiência, e, alicerçados nessa hermenêutica, esses sujeitos constroem uma “performance da Palavra” (OLIVEIRA, 2017; OLIVEIRA e TERRA, 2018).

Esses grupos também compartilham entre si a centralidade da experiência pneumática (experiência do Espírito Santo, bem como seus carismas e experiências extáticas e místicas), e consideram a experiência do Espírito Santo como aquilo que os distingue, enquanto pentecostais, de outras expressões da religião cristã. Ambos os grupos são pré-tribulacionistas e acreditam na volta iminente de Jesus Cristo para buscar sua igreja por meio de um arrebatamento secreto, que será seguido de sete anos de Grande Tribulação na Terra e concomitante Bodas do Cordeiro no Céu. Passados os sete anos, creem que ocorrerá o retorno visível e triunfal de Jesus e sua igreja à Terra para governá-la durante mil anos. Após esse milênio, será realizado o Grande Tribunal de Cristo em que a igreja será galardoada e Satanás e os ímpios serão condenados e lançados no lago de fogo e enxofre. Depois do Grande Tribunal, a eternidade será iniciada.

Os crentes de ambas as convenções, inseridos no contexto amazônico, ressignificam de igual modo as visagens, encantados, bichos visagentos e seres místicos da mata cultivados no sistema de crenças populares local (GALVÃO, 1955; FIGUEIREDO, 2008). Esses seres intangíveis e encantados, na leitura pentecostal, são demônios que espalham medo e o engano entre as pessoas. Diferente daqueles que temem e negociam com esses entes (por exemplo, dão cachaça ou tabaco à Matinta, pedem licença para entrar em matas e rios), os crentes das igrejas dessas convenções entendem que o Espírito Santo os habita e, por esse motivo, nenhuma ação do mal ou encantamento vale contra eles – uma atualização presente da passagem bíblica de Números 23.19.

Uma certa diferença está, sim, nos usos e costumes. Mas essa diferença é muito mais complexa do que a simples divisão COMIEADEPA segue os usos e costumes, CIMADB não segue os usos e costumes, tal como os discursos de diferenciação propõem. No interior das igrejas existem diferenças de classe, lugar, nível de escolaridade e geração – para citar apenas alguns fatores – que definem o nível de adoção dos crentes aos usos e

costumes. E isso não ocorre apenas na COMIEADEPA, mas também na “moderna” CIMADB.

Na AD castanhalense, por exemplo, onde discursivamente os usos e costumes são seguidos, às mulheres é proibido cortar o cabelo; usar calça comprida; usar maquiagens; brincos; etc. Mas, na prática, essas ordens são seguidas à risca por algumas e parcialmente seguidas por outras. As gerações mais idosas, menos escolarizadas, mais periféricas e com menor poder aquisitivo apresentam maior tendência a cumprir os usos e costumes. Nesse grupo estão as irmãs que usam saias com tamanho de quatro dedos abaixo do joelho; que usam cabelo grande e, para ser mais confortável, regularmente usam coques; e, que dispensam maquiagens e joias.

Por sua vez, as gerações mais jovens, mais escolarizadas, com maior poder aquisitivo, e menos periféricas tendem a adaptar os usos e costumes e adotá-los parcialmente. Entre esses estão as mulheres que cortam os cabelos, mas os deixam sempre passando da altura dos ombros; pintam as unhas, mas de cores neutras; usam maquiagem, mas de forma leve; usam joias, mesmo não usando brincos; e, em alguns momentos, especialmente as mais jovens, usam calça comprida, seja para ir à escola, ao trabalho ou raramente em momentos de lazer. E, friso: essa descrição se refere às igrejas da COMIEADEPA.

Essa mistura de pessoas que seguem mais ou menos os usos e costumes, e de congregações mais alinhadas ou menos alinhadas aos usos e costumes, está tanto na AD castanhalense, quanto na AD belenense. O discurso de que um grupo segue e outro não segue os usos e costumes é apenas uma retórica da diferença, na prática, entre os membros desses grupos não verifiquei diferentes modos de vida assembleiana a os caracterizar, apenas a demarcação retórica de que ambos os grupos são diferentes por causa dos usos e costumes. Assim, as igrejas da COMIEADEPA sempre se remetem aos usos e costumes, ainda que na prática sejam em parte burlados, e a CIMADB não faz alusão aos usos e costumes, mesmo que sejam, em parte, ainda seguidos por uma fração considerável de seus membros.

Organização societária

Em ambas as convenções as igrejas estão organizadas de modo juridicamente independente, cada campo¹¹ possui CNPJ e estatuto próprio e está organizado em um templo sede (templo central) que abre vários templos pela cidade (congregações). Apesar de todas as congregações estarem subordinadas ao templo central, um conjunto de congregações, por exemplo, congregações de um mesmo bairro, estão imediatamente subordinadas a uma congregação maior da localidade. Essa circunscrição hierárquica dentro do campo é chamada de área ou departamento.

O ministério da igreja também é similar nessas duas convenções. Em uma hierarquia ascendente estão os auxiliares, os diáconos, os presbíteros, os evangelistas, os pastores e o pastor presidente. As divisões grupais da igreja também se assemelham, mas mudam de nome de uma convenção para outra. Por exemplo, as igrejas da COMIEADEPA tendem a chamar as divisões grupais de conjunto / departamento / grupo de: crianças; de adolescentes; de jovens; ou círculo de oração feminino (por vezes, no vernáculo, simplesmente círculo de oração) para o grupo de mulheres; círculo de oração masculino para o grupo de homens. Enquanto que, nas igrejas da CIMADB, o epíteto grupal é missão: missão com crianças, missão com adolescentes, missão com jovens, missão com mulheres e missão com homens.

Os trabalhos de evangelismo local, expansão da igreja para outros países, e trabalho social local também existem nas igrejas de ambas as convenções e também só ganham nomes diferentes. Nas igrejas da COMIEADEPA é secretaria de missões e departamento de assistência social e nas igrejas da CIMADB é missões e missão contra a fome. Esses grupos / departamentos / missão em que as igrejas se segmentam internamente também possuem estrutura similar nas igrejas de ambas às convenções, a saber: um líder, secretário, tesoureiro, e, a depender do caso, regentes. Então, além de possuírem padrões de cultura semelhantes, esses grupos / departamentos / missão também compartilham semelhanças quanto às suas organizações societárias.

Considerações finais

¹¹ É como se chama, na AD, uma circunscrição eclesiástica presidida por um pastor presidente. Em comparação à Igreja Católica, cuja estrutura em geral é mais conhecida, equivale aproximadamente a uma diocese.

A análise desenvolvida até aqui suscita mais uma pergunta: por que igrejas com as mesmas crenças e as mesmas organizações societárias se enxergam como diferentes? Diante da análise do desenvolvimento histórico dessa diferença, a resposta é inequívoca: essa diferença identitária é o que justifica, em termos retóricos, e ao mesmo tempo escamoteia, a verdadeira causa da existência dessas duas convenções: a disputa política entre pastores dentro da instituição. Justificar um “racha” entre as igrejas devido à mera arbitrariedade de pastores que disputam cargos e privilégios é algo indecoroso, então, a fim se justificar de modo legítimo diante da teodiceia dos fiéis, nas relações de conflito os pastores forjaram significados aceitáveis que tiveram como consequência a criação de identidades diferentes entre sujeitos genericamente iguais.

Essa conclusão implica na contribuição desta pesquisa ao estudo das identidades e culturas pentecostais na Amazônia paraense, haja vista os resultados apresentados refutam a hipótese de que foi a diferença cultural entre os dois grupos assembleianos abordados que resultou na organização de distintas convenções no estado e, por conseguinte, em diferentes identidades entre os assembleianos das igrejas dos dois maiores grupos convencionais das ADs no Pará.

Referências

- ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 19, n. 19, p. 263-284, 2010.
- BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. Sucessão na Assembleia de Deus em Belém do Pará (1997): uma análise dos atos retóricos. **Terceira Margem Amazônica**, Manaus, v. 1, n. 2, p. 13-30, jul./dez. 2012.
- BÍBLIA SAGRADA e Harpa Cristã. Tradução Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- BORGES, Jonas. 1997. **Firmino Gouveia, um empresário de Deus: sua vida e sua obra**. Belém: Semin, 1997.
- CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CORREA, Marina. Igrejas assembleias de Deus no Brasil: pastores-presidentes e os “laços fraternos”? **Caminhos**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 240-258, jan./jun. 2014.
- DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**: ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu. Lisboa: Edições 70, 1966.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Assembleia de Deus no Brasil: uma igreja que cresce enquanto se fragmenta. **Azusa**: revista de estudos pentecostais, Joinville, v. 5, n. 2, p. 161-186, jul./dez. 2014.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A cidade dos encantados**: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia, 1870-1950. Belém: EDUFPA, 2008.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional 1955.

GANDRA, Valdinei Ramos. WESTPHAL, Euler Renato. Assembleia de Deus: Questões identitárias na criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – CEMP. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 53, n. 2, p. 268-281, jul./dez. 2013.

GILBERTO, Antônio et al. **Teologia sistemática pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

HORTON, Stanley (Org.). **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

MACGEE, Gary B. Panorama histórico. In: HORTON, Stanley (Org.). **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 11-42.

MAMDANI, Mahmood. **When Victims Become Killers**: Colonialism, Nativism, and the Genocide in Rwanda. Princeton: Princeton University Press, 2001.

OLIVEIRA, Davi Mesquiati de. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção de performance. **REVER**: Revista de estudos da religião, São Paulo, v. 17, n. 2, p.119-140, mai./ago. 2017.

OLIVEIRA, Davi Mesquiati de; TERRA, Kenner R. C. **Experiência e hermenêutica pentecostal**: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.